

## **ABORDAGEM CONSERVADORA EM FRATURA TRANSVERSA DA FALANGE DISTAL EM EQUINO - RELATO DE CASO**

**ODS (3,4)**

Victória Alexia Guimarães dos Santos (Universidade de Taubaté)  
Mel Pesseti Marcondes (Universidade de Taubaté)  
José Oswaldo de Souza Scarpa (Universidade de Taubaté)

As fraturas da falange distal em equinos são relativamente comuns e podem ser classificadas como articulares ou não articulares, sendo que as fraturas não articulares, especialmente as transversas, geralmente apresentam bom prognóstico quando tratadas de forma conservadora, com repouso e suporte adequado ao casco, havendo estudos que demonstram retorno ao desempenho em até 92% dos casos do tipo I tratados dessa forma. O presente estudo se trata de um relato de caso, que possui como objetivo expor a eficácia de um tratamento conservador em uma fratura transversa não articular da falange distal de um equino. Em agosto de 2025, foi atendido no Haras Fazenda Sapucaia, um cavalo Quarto de Milha, de sete anos de idade, que apresentava claudicação de grau 4/5 no membro torácico esquerdo há quatro dias; a avaliação clínica e a analgesia perineural localizaram a dor na região distal do membro, e os exames radiográficos, em projeções lateromedial e oblíqua, confirmaram fratura transversa não articular da falange distal. O tratamento foi instituído com repouso absoluto em baia por 28 dias, associado à imobilização do casco com gesso de fibra de vidro abrangendo toda a parede, com elevação do calcâneo em 6 mm (cunha), trocado a cada 14 dias, totalizando duas trocas no período; além disso, foram administrados flunixin meglumine (1,1 mg/kg, EV, SID, por cinco dias) e penicilina procaína (22.000 UI/kg, IM, BID, por cinco dias), visando prevenir complicações secundárias. Entre a 5ª e a 8ª semana, realizou-se a remoção gradual do gesso entre os dias 35 e 42, mantendo-se o repouso em baia, com introdução de caminhadas curtas (5 minutos, três vezes ao dia) a partir do dia 42; da 9ª à 12ª semana foram iniciados exercícios manuais controlados, com caminhadas progressivas até 15 minutos/dia em piso macio durante 14 dias. Aos 90 dias, o animal recebeu ferradura plana com cunha de 3° (cerca de 5 mm) para redistribuição da carga, e, entre o 4º e o 6º mês, houve progressão gradual da atividade, com trote leve em pista macia por 10 minutos/dia no 4º mês, evoluindo para galope leve por 5 minutos/dia ao final do 5º mês. No 4º mês, observou-se desaparecimento dos sinais clínicos, embora as radiografias ainda evidenciassem linhas de fratura discretas, e ao final do 6º mês verificou-se consolidação parcial radiográfica e retorno completo às atividades sem sinais de dor ou claudicação. Este caso reforça a eficácia do tratamento conservador nas fraturas transversas não articulares da falange distal, quando associado à imobilização adequada, ao suporte protético criterioso e a um programa de reabilitação progressiva e estruturada.



**Palavras-chave:** reabilitação equina; manejo conservador; suporte protético; imobilização óssea.